

A NOVA CARA DA VALE

Conduzir a empresa ao protagonismo na produção de metais que farão a transição energética, com a sustentabilidade integrada aos processos, e buscar novos mercados para reduzir a dependência da economia chinesa estão entre as prioridades de Gustavo Pimenta, novo CEO da empresa

Regina PITOSCIA

Gustavo Pimenta é um mineiro de 46 anos, casado, pai de dois filhos e torcedor do Atlético Mineiro. O perfil poderia ser o de um cidadão comum, mas não é. Em 1º de outubro ele assume a posição de presidente da Vale do Rio Doce, a terceira maior empresa privada do País e uma das maiores mineradoras do planeta. A posse antecipada em três meses demonstra seu prestígio junto ao Conselho de Administração, que aprovou seu nome por unanimidade e tratou de encurtar o processo de sucessão, como forma de fazer frente às pressões políticas de grosso calibre. O presidente Lula tentou sem sucesso emplacar Guido Mantega, ministro da Fazenda em seus dois primeiros mandatos, no comando ou como conselheiro da companhia.

A mineradora trata o tema com tranquilidade. Afirma que o executivo foi eleito após um rigoroso processo de seleção, calcado em padrões internacionais e seguindo o Estatuto Social da empresa, as políticas corporativas, o regulamento interno e a legislação cabível. Tudo dentro de “alto nível de integridade, transparência e robustez da governança da Vale”. O currículo de Pimenta, que contempla experiência global nos

setores financeiro, de energia e mineração em grandes empresas, e sua atuação na empresa, desde 2021, como vice-presidente executivo de finanças e relações com os investidores, permitiram tratar de assuntos centrais a questões espinhosas da Vale e o credenciam para o cargo. A antecipação de sua posse sinaliza que ele está preparado e traz segurança. Como vem de dentro, não terá de passar por períodos de adaptação. A vida da empresa deve passar a fluir melhor.

Mas nem por isso espera-se que ele vá navegar por águas calmas. Ao contrário, de imediato terá de colocar um ponto final a um capítulo triste e trágico na história da Vale, que se arrasta por quase nove anos: o rompimento da barragem do Fundão em Mariana, em novembro de 2015, que causou mortes – além de prejuízos ambientais incalculáveis (a Vale era sócia do empreendimento). Agora, empresa e governo parecem estar prestes a fechar um acordo de repactuação da reparação dos danos. O governo espera receber, no mínimo, R\$ 100 bilhões no prazo de 12 anos. Mas as condições não estão costuradas, porque a companhia ofereceu um valor inferior e propôs um prazo de liquidação mais elástico, de 20 anos.

Especialistas não consideram essa dívida uma preocupação do ponto de vista financeiro, já que a empresa tem histórico de boas condições de caixa e não deverá ter problemas em quitar os pagamentos. Entendem, no entanto, que o acerto já passou da hora pelo passivo de imagem que isso traz à companhia diante do mercado, de investidores e do próprio governo. “A finalização dessa questão pode ser vista como um ponto de partida para o retorno de novos investimentos

“
VAMOS
REPOSICIONAR
A VALE COMO
UM GRANDE
ORGULHO
NACIONAL
”





ACERTOS A CAMINHO

No curto prazo, a empresa precisa renovar com o governo os contratos na concessão de ferrovias e fechar acordo para cobrir prejuízos em Mariana

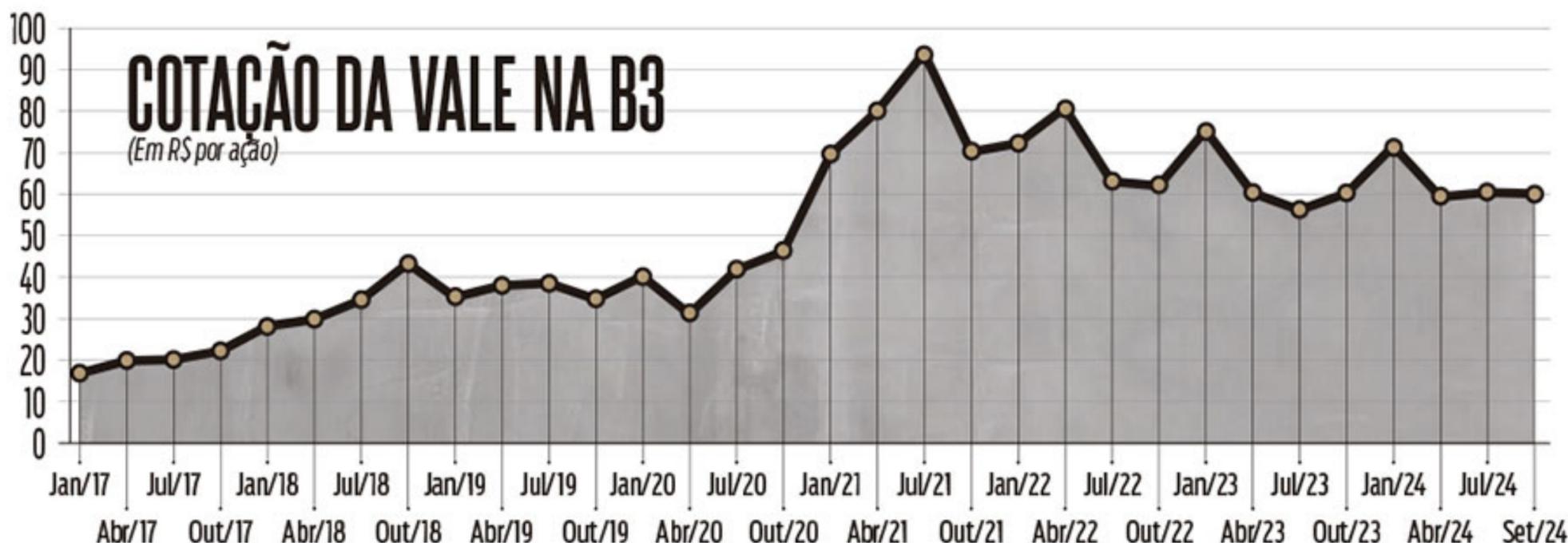
na Vale nos próximos anos”, afirma Bruno Carlos de Souza, doutor em controladoria e ciências contábeis e CEO da consultoria Souza Maas.

As questões dos passivos ambientais, relativos tanto a Mariana como a Brumadinho (barragem que se rompeu em 2019), não são riscos relevantes na opinião de João Daronco, analista da Suno. Ele é um especialista no tema desde a época de faculdade, sua tese versa sobre barragens de minério de ferro. Segundo ele, a Vale vem fazendo pesados investimentos no descomissionamento das barragens, quer dizer, construindo novas estruturas de modo a torná-las mais seguras e evitar novos desastres. “Vejo a empresa preocupada com esse aspecto, mais bem preparada e embasada cientificamente com o objetivo de reduzir esse tipo de risco nos últimos anos. Mas ele ainda

existe, porque são barragens construídas há décadas e o processo não é simples.”

Outro assunto urgente e que deve ser definido até o fim do ano refere-se às negociações, também com o governo, para a renovação da concessão de ferrovias. A discussão gira em torno de R\$ 10 bilhões para a manutenção de contratos que permitam o escoamento de seus produtos sem entraves. Como se vê, existe uma necessidade premente para que Pimenta e sua direção crie canais de interlocução com o governo de forma a garantir andamento dos negócios da companhia.

“Ele vai precisar de um jogo de cintura para lidar com o governo, porque a atividade de mineração depende de concessões públicas, ambientais, de exploração e operação de ferrovias, e acredito que ele tenha essa habilidade”, afirma Rafael Panonko, consultor



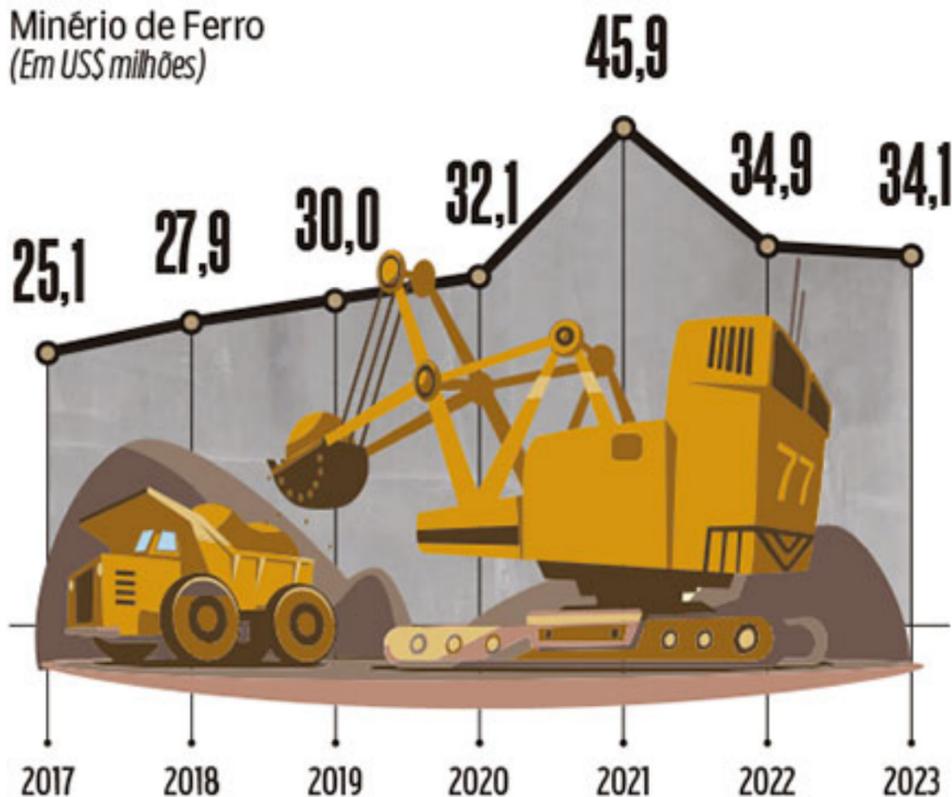
Fonte: Investing



independente. Até porque algumas arestas devem ser aparadas com o próprio presidente Lula, que não consegue mais influenciar como gostaria nas decisões internas da companhia, como já foi no assado. A Vale não tem um acionista majoritário que concentre o poder de tomadas unilaterais de decisão: 91,3% do capital da empresa está nas mãos do setor privado e 8,7% pertencem ao fundo de pensão da Petrobras, a Previ. Além do que 73% estão pulverizados entre acionistas na bolsa de valores.

RECEITA LÍQUIDA DE VENDAS

Minério de Ferro
(Em US\$ milhões)



Fonte: Vale

O RISCO CHINA A maior ameaça às operações e resultados da companhia vem da China, seu principal e maior comprador do minério de ferro. Panonko estima que mais ou menos 50% da produção da Vale é consumida pelos chineses especialmente na construção civil. Como a atividade econômica do país asiático vem desacelerando nos últimos dois anos, com empresas do setor imobiliário em situação difícil, a incerteza é grande em relação aos desdobramentos para a companhia brasileira. Paulo Vicente, doutor em Administração de Empresas, mestre em Administração Pública e professor da Fundação Dom Cabral, alerta que metade do aço produzido no mundo vem dos chineses. “Se a China entra em crise, todo mundo entra em crise, se ela espirrar é preciso dizer saúde!”

O professor explica que a população chinesa parou de crescer, está na descendente. De 1,4 bilhão de pessoas, atualmente, o país deve chegar a 600 milhões até o fim deste século. “As mulheres pararam de ter filhos, com um encolhimento muito forte da população. E aí não

PRODUÇÃO EM ALTA

A expectativa da empresa é de produzir este ano entre 323 e 330 milhões de toneladas de minério de ferro

de ferro de melhor qualidade do mundo.

Como a empresa deve se posicionar na corrida de metais para a transição energética?

No ano passado, tomamos a decisão de dar mais autonomia e foco no nosso negócio de metais de transição energética. Estou muito animado com o resultado dessa decisão e a evolução da Vale Base Metals de lá para cá. Nosso grande objetivo é crescer esse negócio, de forma sustentável e competitiva, principalmente no cobre, em que temos muitos recursos e reservas a serem desenvolvidos. A demanda por esses minerais de transição será enorme e o maior desafio está no crescimento da oferta. Temos uma oportunidade única de nos posicionar como um dos grandes produtores de metais de transição energética do mundo, e essa será uma prioridade da companhia nos próximos anos.

Como a empresa deve se engajar nas iniciativas que o governo propõe para enfrentar o agravamento da crise climática?

Sem mineração não existe transição energética. Todas as soluções que hoje conhecemos para reduzir a pegada de carbono do mundo passam pelo minério de ferro de alta qualidade e por minerais crí-

ticos. Nosso grande risco, como indústria, é não conseguir ofertar esses minerais no tempo e na forma que o mundo necessita. Isso passa, necessariamente, por acelerarmos nossa jornada em direção à mineração do futuro, fortalecendo nossas ações sustentáveis e auxiliando nossos clientes com produtos que reduzam a pegada de carbono na produção do aço.

A empresa já iniciou esse caminho?

Essa tem sido uma grande prioridade dentro da Vale. No ano passado, por exemplo, demos um passo importante ao garantir 100% de energia renovável para produção de eletricidade e seguimos trabalhando fortemente para acelerar a redução da pegada de carbono na própria operação e na cadeia de produção. Um dos principais desafios será acelerar o desenvolvimento do nosso portfólio de produtos para atender a essa demanda crescente. E isso só será possível com um olhar muito integrado sobre a sustentabilidade e uma relação de confiança e parceria com nossos diversos públicos de relacionamento. Não tenho dúvida de que seremos capazes de alcançar tais objetivos e, com isso, reposicionar a Vale novamente como um grande orgulho nacional.

ção e não será o que a China foi nos últimos 25, 30 anos.”

O crescimento do PIB chinês em 2024 deve ficar em 4,9%. Em 2025, será de 4,4%. Depois, deve ficar ao redor de 4%, nos cálculos da economista e consultora da **Tendências** Yasmin Riveli. São números mais baixos do que os registrados pelo país entre 2021 e 2019 (acima de 7% ao ano). Ela relata que as mineradoras surfaram e foram beneficiadas pelas altas ondas de crescimento chinês, e chama a atenção para outro fator de relevância para a Vale: a produção do minério de ferro de qualidade. Especialmente o minério de ferro extra-



ENERGIA LIMPA

Dos seis metais que farão a transição energética, a Vale se posiciona em dois: ferro e níquel

BUSCA POR QUALIDADE

A exploração de minério de ferro de qualidade traz vantagem competitiva à Vale que poderá cobrar mais por seu produto



ído de Carajás, no Pará, é de muito boa qualidade, acima da média de mercado de 62%. E, principalmente, como é compatível com métodos de produção mais limpos, essa extração exige menos carvão para a produção de ferro e aço. Por isso mesmo, sua demanda tem potencial de crescimento. É mais indicado na transição energética.

Esse diferencial coloca a Vale e o País em vantagem competitiva em relação à Austrália, que tem as maiores mineradoras, mas conta com um minério de ferro de qualidade inferior. Daronco aponta para o desafio de longo prazo para a Vale é ajustar sua dinâmica de atuação: entrar em novos mercados, que estão na Ásia, como Índia e Indonésia. A Austrália leva vantagem na logística pela proximidade geográfica com esses países, mas a Vale deve ganhar na qualidade de sua commodity e cobrar um prêmio por isso – o que tende a influenciar os seus resultados. Para a transição energética, a Vale já se encontra bem posicionada em dois dos principais metais – ferro e níquel –, pontua Vicente, da FDC. Mas terá de olhar ainda para o lítio e cobalto usados em baterias, além de cobre, que vai nos condutores. Também deverá se voltar para o alumínio. São os seis principais metais que levarão a uma energia mais limpa. **S**